

WALLACHEI

in Familienfreundkalender/1953, p. 37-58

Maria Therezia Hennrich

RETROSPECTIVA

É de domínio geral que nossos avoengos imigraram para o Brasil no século passado, a chamado do Casal Imperial, e muito sofreram nos primeiros tempos.

Pioneiros totalmente inexperientes, foram mandados para a selva, onde tiveram de lutar muito. O domínio da selva com seus troncos seculares era por si só um esforço sobre-humano. Mas não só o inferno verde provocava no início sofrimentos e adversidades de toda a ordem. Também os habitantes do mato – índios ou bugres como eram chamados – ofereceram motivo para sangrentos incidentes. Não poucos colonos perderam a vida, atingidos por alguma flecha traiçoeira, atirada de emboscada.

Havia também os animais selvagens, principalmente os de rapina de grande porte como o jaguar e o puma, além de répteis venenosos como jararacas e cascavéis, cujos dentes venenosos causaram muita morte atroz.

Farrapos

Eram ainda poucos os colonizadores quando no ano de 1835 irrompeu a Revolução Farroupilha.¹ Além dos genuínos revoltosos, que perseguiram um objetivo nobre em si ainda que os meios empregados nem sempre fossem justificáveis, houve os legítimos bandidos, que nem sabiam dos objetivos da Revolução e tinham como bandeira tão somente roubos e mortes. *Menino Diabo*,² verdadeiro demônio em forma de gente, e seu bando não poupavam homens nem mulheres, nem crianças ou velhos. Torturavam essa pobre gente, incendiavam casas e matavam pelo prazer de sangue. Quando a medida das maldade chegou ao ápice, os colonos apelaram para seus próprios recursos para combater e perseguir esses ladrões. *Menino Diabo* e a maioria de seus asseclas receberam castigo merecido.

Guerra do Paraguai

Depois veio a Guerra do Paraguai e novamente os colonos alemães e seus filhos brasileiros precisaram pagar pesado tributo de sangue. Fizeram-no com prazer pois se tratava de defender a honra e a integridade da Pátria. Vários episódios narrados pelos cronistas, dizem do brio com que souberam se bater pela honra do Brasil.³

Muckers

Pior de suportar foi o episódio dos Muckers, porque então o veneno brotou do chão, dentre os próprios colonos. Sua perigosa prédica falsa

1 Entre 1824-30 imigraram 5.350 alemães, acrescidos, em 1835, além dos descendentes e dos remanescentes do Regimento dos Mercenários, formado no Rio de Janeiro entre 1823-4, por ordem do Imperador D. Pedro I.

2 *Menino Diabo*, Antônio Joaquim da Silva, chegou a contar com até 300 asseclas, atuando ao longo do Guaíba e dos rios dos Sinos e Jacuí, até Rio Pardo, roubando, saqueando e matando, de preferência por estaqueamento. Preso, foi justificado pela população de Dois Irmãos antes que fosse removido a São Leopoldo para julgamento (veja-se a respeito, da tradutora, *Alemães na Guerra dos Farrapos*).

3 Segundo *Alemães na Guerra dos Farrapos*, de Klaus Becker, mais de 500 alemães participaram dessa guerra, com muitas vidas perdidas.

era de tal monta que prejudicou seriamente a reputação dos alemães, até então ilibada. Mas também contra esse perigo havia como providenciar. Os muckers, como seita, teriam desaparecido por si, não fosse a repressão férrea que lhes foi lançada. No curto espaço de tempo⁴ de sua infame atuação, semearam muita miséria no seio das famílias, incendiaram e mataram a quem não quisesse seguir suas prédicas. Nos antigos cemitérios de nossa região, muita lápide antiga fala da tragicidade daquele episódio.

REVOLUÇÃO DE 1893

Nos anos de 1893-1895 a região colonial foi sacudida por uma grande inquietação. Era o tempo dos maragatos. Ninguém mais estava seguro de sua vida nem podia confiar no outro. Um dos mais conhecidos líderes foi Maneca Leão.⁵ Notório também foi o preto Malaquias, que granjeou para si a merecida fama de degolador.

Há muita semelhança entre o tempo dos maragatos e dos farroupilhas. Bandidos da pior laia percorriam a zona de colonização. Dizendo-se ora das tropas do governo, ora maragatos, os revolucionários de 1893 pilhavam e roubavam o que lhes caía nas mãos, para culminar muitas vezes em mortes. Um truque usual que empregavam era roubar os cavalos numa picada e vendê-los na seguinte.

Também muito rosto branco se escondeu entre os bandidos. Consta que tais colonos degenerados se anexaram às incursões daqueles ou se prestaram a servi-los secretamente. Tais circunstâncias semearam profunda desconfiança entre as famílias. Muita injustiça ocorrida mais tarde de maneira amarga entre os membros sobreviventes das famílias, deve ser computada aos bandidos. Bens ilícitos não vingam.

4 A revolta dos Mucker ocorreu em Sapiranga, RS, entre 1872-74, porque a pequena comunidade carecia de lideranças espirituais, padres ou pastores, para fazer frente ao pietismo nascido do acantono e liderado por Jacobina Mentz e seu marido, Jorge Maurer.

5 A família Leão era latifundiária em Sapiranga, que primitivamente se chamava *Leonenhoff* = terra dos Leões. Maneca ou Manoel Leão, filho de José Maria Leão, seu irmão Leonce e Antônio Corrêa (filho do latifundiário de Gramado, Antônio José Correa), atuaram ativamente na Revolução Federalista, mais em proveito próprio que pela causa maragata. No Vale do Sinos eram secundados pelo preto Malaquias, temido degolador (veja-se a respeito, *O Dr. Maragato*, de João Eickhoff).

Apesar de toda a tristeza gerada no tempo dos maragatos, episódios isolados houve que não escaparam ao humor. A corajosa reação dos colonos por vezes provocou situações que, a despeito de toda a aflição e apuros, provocaram situações hilariantes.

Comércio de cavalos

Era primavera de 1893. Na estrada apontou um grupo de bandidos procedentes de Dois Irmãos (Baumschneiss) e arredores. Os colonos estavam ocupados no trabalho de plantio e apenas a dona de casa e as crianças pequenas permaneciam em casa.

Na residência de Wilhelm (Guilherme) Hennrich, a dona da casa estava ocupada no serviço da faxina, rotineiro aos sábados. Com um balde de água, estava ela ocupada no interior da casa quando ouviu um tumulto que se avizinhava na estrada. Frau Hennrich reconheceu uma porção de bandidos procedentes de Picada Café (Kaffeeschneiss), em demanda à Serra. Quando alcançaram sua morada, pararam e com arrogância entraram casa a dentro. O líder do grupo gritou:

– O dinheiro ou vida!

– Passe as botas que estão dependuradas na parede, – gritou um outro, dirigindo-se à dona da casa.

– Aqui as tens, – respondeu a destemida senhora, e lhe atirou as botas. – Dinheiro não tenho, aí vocês têm de voltar quando o homem da casa estiver. Corja de farrapos, bandidos, vocês só têm coragem quando estão na frente de mulheres indefesas. Vê se mandam daqui, que eu tenho mais que fazer!

A explosão de ira da mulher provocou um acesso de riso nos bandidos. O líder comentou:

– Está bem, nós já vamos, mas os outros que vêm logo atrás, com eles teu marido pode se entender.

A senhora, ainda exaltada, via os bandidos se distanciarem. Com um profundo suspiro de alívio, retomou seu labor, não sem murmurar contra o surrupio das botas que sumiram da parede.

Seu filho pequeno, o Pedro, embalava o nenê no quarto e tremia de medo. Bem que gostaria de escapulir, não fosse a severa ordem materna, de permanecer junto ao irmãozinho, a embalá-lo. Inteligente, matutava sobre como poderia se colocar em segurança ante o perigo dos homens maus. Foi quando divisou um cordão resistente próximo, no chão.

Agarrou-o, amarrou uma ponta no berço e enfiou a outra em uma fresta do chão. Então correu para o porão, puxou a ponta solta e, num ritmo sincronizado de sobe e desce do cordão, imprimiu embalo ritmado ao berço. Suspirou aliviado. Graças a Deus, estava em segurança!

Foi quando novamente se ouviram berros e selvagem gritaria, vindos da estrada. Era o segundo bando que se aproximava, conduzindo o gado roubado em Dois Irmãos. Pararam na propriedade dos Hennrich e um grupo de cinco homens, alguns falando alemão, aproximou-se e ofereceu os cavalos para aquisição.

A recepção não foi boa. A irada senhora Hennrich lhes atirava no rosto as palavras de reprovação que lhe brotavam à mente:

– Corja miserável, – xingou. – E nós precisamos de gado roubado? Aquele Malacara aí na frente, vocês roubaram do Vetter Knorst, é o cavalo da mulher dele! – E, disposta a brigar, arrematou – Aviem-se daqui. Os outros já roubaram bastante!

A conduta corajosa da senhora não deixou de impressionar os bandidos. Um deles, matutou um pouco e gaguejou em alemão:

– *Nee, Bas*, não estejas tão braba, nós já vamos, mas água nós gostaríamos de beber, pois temos bastante sede.

– Pois então se embebedam dessa água! – esbravejou a senhora Hennrich, apontando para o balde com a água turva da limpeza da casa.

Os bandidos entraram em casa, reviraram tudo e levaram o que lhes parecia útil. Só então se afastaram.

Na peça ao lado, o berço embalava forte, em movimento compassado. Apesar da grande excitação, a mãe lembrou dos filhos e correu para o quarto. Divisou o ritmo do berço, mas nada do filho que deixara a embalar.

– Pedro, – chamou inquieta, – onde é que estás?

– No porão, mãe. Os maragatos já se foram?

– Sim, já se foram. Podes vir sem cuidado, podre esperto, está tudo em ordem!

Apesar dos dissabores recém passados e do desgosto pelo furto sofrido, a mãe riu com espontaneidade da astúcia do filho.

Também os demais membros da família acharam graça da saída do pequeno Pedro. Como riram também do arroubo de Carlos, adolescente de 16 anos, quando soube do sumiço das botas, que eram o seu orgulho. Louco de raiva e pesar, correu ao galpão, onde guardava, bem escondida, sua espingarda de carregar pela culatra.

– *Ich schiese sie alle kaputt!* Mato a todos! – gritava chorando e agitando nervosamente a arma, que nem sequer estava carregada.

A "venda" na mira dos maragatos

Pior as coisas aconteceram na casa comercial de Filipe Annecken. Os bandidos, chefiados pelo preto Malaquias, investiram venda a dentro, remexeram tudo e atiraram-se doidamente sobre a cachaça enquanto enfiavam avidamente os melhores objetos em sacos trazidos do depósito ao lado.

A gente da casa se pôs em defesa. O empregado Otto Eifler, forte qual urso, agarrou vários bandidos e literalmente os jogou porta a fora. Malaquias interveio pessoalmente e, auxiliado por vários comparsas, atirou-se sobre Otto e o rendeu. Amarrados mãos e pés do pobre homem, Malaquias ordenou que o arrastassem daí, que mais tarde ele próprio o iria degolar.

A ameaça gerou grande tumulto. Eifler berrava por socorro a plenos pulmões. O comerciante Annecken, da janela dos fundos atirava nos bandidos que carregavam seu fiel empregado. Também sua mulher, pequena de estatura mas muito valente, pegou de uma pistola e mirava o grupo maragato. Um deles deu um grito de dor, atingido numa perna.

Nesse meio tempo acudiram alguns vizinhos armados, reforçando a defesa. Os bandidos responderam ao fogo e do confronto vários deles resultaram feridos. Da parte dos colonos não houve vítima.

Quando os bandidos sentiram as coisas apertadas, bateram em retirada, abandonando Eifler como estava. Rápido lhe tiraram as amarras, enquanto Malaquias ameaçava o diabo e gritava impropérios sobre os colonos, jurando desforra sangrenta. Fez pensar os comparsas feridos e então o bando seguiu avante.

O açougueiro Kappes

Ato contínuo, Malaquias com dois comparsas se dirigiu à propriedade do açougueiro João Kappes, residente na parte quase mais elevada de Walachei, próximo ao local chamado Schlunk. Com atrevimento invadiram o açougue e berraram para o homem, estarrecido de susto:

– O dinheiro ou a vida!

Impotente ante a força superior de três indivíduos dispostos a tudo, Kappes pegou a bolsa de dinheiro e a jogou ao preto Satã. Satisfeito com o pronto êxito, Malaquias não deixou, contudo, de judiar mais um pouco do pobre homem. Desembainhou a faca e ordenou:

– Olha aqui, alemão, isto é meu instrumento de trabalho, com ele corto a garganta dos teus patrícios. Mas a faca está sem fio e tu tens uma boa mó. Vais girá-la direitinho para mim enquanto afio a faca, para que não passe trabalho.

Que podia fazer o pobre Kappes senão obedecer a seu algóz? Assim, passou a girar a pedra circular. Quando Malaquias testava o fio da faca, fazia gestos no ar como quem está a degolar, girando a lâmina próximo ao pescoço do infeliz e divertindo-se com o pavor que provocava.

Finalmente os bandidos seguiram avante, em meio a satânicos deboches.

Assalto na estrada

Jacó Schuh retornava a cavalo para casa. Vinha da venda, onde colocara milho e fizera algumas compras. Trazia a cabresto o animal de carga, um burro bastante resistente.

Ao longe, na estrada, divisou uma figura suspeita. Não esperando boa coisa, tratou de se esquivar do molestador, mas este se interpôs no caminho, engatilhou a arma e gritou:

– Me dá o dinheiro ou vais morrer!

Jacó Schuh mostrou-lhe sua carteira com apenas um patacão e disse:

– Mais eu não tenho. Leva e me deixa seguir.

Mas o bandido em absoluto não se satisfez com o insucesso de seu assalto. Esperava por mais. Por isso disse:

– Não, não vais te safar por tão pouco. Dá-me tua besta, ela não está carregando nada.

Schuh disse sério:

– Podes montá-la. Mas quando chegarmos ao *Einfache Schneise* me devolves o burro. Sou um homem pobre e o preciso para o trabalho.

O bandido fingiu concordar com a proposta, montou e seguiu Schuh. Breve alcançaram a estrada vicinal que conduz ao *Einfache Schneise* e Schuh disse:

– Pronto, agora apeias, pois aqui segue o desvio para minha casa.

– *Dass sollte mir einfallen!* Nem brincando! – retrucou o bandido, sorrindo debochado. – O burro agora é meu e acabou-se!

Dito isso, puxou novamente o revólver e apontou para Schuh. Este não estava armado e só lhe restou ceder. Cavalgou em galope acelerado morro abaixo até sua casa para se armar, pois não lhe passou pela mente entregar sua mula sem pelejar. Chegado, saltou do cavalo e atirou-se casa a dentro. A mulher quis detê-lo, mas ele a empurrou para o lado e em poucos minutos estava de volta à estrada. De seu burro e do maragato, nem sinal. Seguiu na direção que provavelmente o bandido tomara. Raiva e excitação superaram qualquer medo.

De repente viu à beira da estrada, estirado, seu fiel burrico. A visão do pobre animal elevou sua raiva. Com um grito seco, esporeou a ilharga do animal e disparou a galope.

Quando atingiu o topo do morro, viu de súbito que o malfeitor, de arma em punho, ameaçava o seu amigo Brusius, um tropeiro muito estimado pelas redondezas. Schuh não refletiu. Disparou a pistola e o maragato tombou no chão, rolando no pó da estrada.

Brusius, ainda rijo de susto, recuperou os movimentos e foi ao encontro do salvador. Respirando com dificuldade e enxugando o suor do rosto, agradeceu o gesto amigo, as palavras lhe saindo aos borbotões:

– Se tu não tivesses aparecido, eu seria agora um homem morto!

Ambos observaram então o bandido. Atirado no chão, não dava sinal de vida. Decidiram arrastá-lo até a beira da estrada, junto ao mato.

– Aqui ele pode servir de comida aos urubus, – comentou Brusius.

Schuh auxiliou o amigo a reunir o gado que havia se espalhado pela estrada.

Ao anoitecer, duas mulheres passaram a cavalo pelo local e viram um ferido à beira da estrada, que gemia e pedia por socorro. Atemorizadas e perplexas, ficaram sem ação. Cavalgaram às pressas até a casa mais próxima, a narrar o que haviam visto. Quando os moradores foram acudir, encontraram realmente, foi um homem morto. O bandido havia expirado nesse meio tempo.

Policiamento x canções populares

É natural que o governo, alertado pelos acontecimentos na região colonial, finalmente tomasse medidas de proteção.⁶ Soldados fortemente

armados de dia e de noite percorriam as zonas mais perigosas. Os colonos foram instruídos a usarem os próprios meios de defesa, em caso de necessidade.

Com essa meta surgiram Serviços de Defesa. Pedro Wolff o organizou em Morro Reuter e Adão Brusius,⁷ no *Schlunk*, em Walachei. Esses dois homens esforçaram-se para garantir pronto alarme à aproximação de qualquer figura suspeita.

Mas não raro acontecia que os "fiéis vigias" se embebedavam a ponto de não distinguirem entre bandidos e pacatos moradores, engatilhando tiro de alarme à aproximação de gente pacífica enquanto bandidos logravam passar sem serem molestados.

Wilhelm Kloos era Inspetor de Quarteirão em Walachei. Já tivera ele papel importante no episódio dos Mucker quando em sua casa, em São Leopoldo naquela época, foi abatido o jovem Jorge Haubert, pelo fanático Robinson.

Fazia pouco que Kloos se mudara para Walachei com sua família. Aí lhe confiaram o cargo de Inspetor de Quarteirão. Alfaiate, era um homem disposto e, a despeito da profissão, procurou exercer com dignidade o cargo, impondo respeito e ordem na picada.

Sua casa ficava no Travessão, limite com Santa Maria do Herval (Teewald). Seus vizinhos mais próximos, à direita e à esquerda, foram Nicolau Wendling e o italiano Antônio Passini. Em diagonal, separado por uma fenda, morava meu pai, Wilhelm Büttenbender. Kloos se dava muito bem com os vizinhos e com eles fez um acerto para, na medida do possível, trazer as coisas no caminho certo.

Para melhor compreensão do que segue, faço uma descrição de Walachei e redondezas.

Onde antigamente ficava a capela-escola, ou seja, no local da escola construída em 1916, ao lado da capela de São Nicolau, segue à direita um caminho estreito e pedregoso que vai dar, lá em baixo, em um arroio conhecido como o "arroio grande". Algumas centenas de passos adiante serpenteia o "arroio pequeno", que logo deságua no "arroio grande".

6 A documentação é escassa no registro da presença de força oficial pela área de colonização alemã. Tanto assim que os colonos acudados fundaram em grande número suas próprias Sociedades de Defesa, montando guarda nos acessos das picadas e reagindo aos ataques de ambas as facções em luta, como foi o caso de Santa Clara e Dona Francisca.

7 As famílias Wolf e Brusius, como outras aqui citadas, ainda têm descendentes na região.

Reunidos, esses dois arroios movimentam pouco abaixo o moinho construído por João Hoff e de propriedade atual de João Lauxen.

Esses arroios iniciam na Encosta da Serra, no limite de Walachei, e atravessam toda a picada indo desaguar no rio dos Sinos. A estrada segue o curso do arroio que serpenteia por estreitas gargantas e declives acentuados, ao longo da "serra do calvário" ou, popularmente a "serra das carretas". Na baixada a estrada se bifurca, seguindo uma para Morro dos Bugres (Bugerberg)⁸ e a outra para Jamertal e Tannenwald. Em frente à capela, um caminho desvia à esquerda para Nova Áustria (Neu Österreich), até o chamado "canto" (Eck).

Deste lado, separados por uma colina, as propriedades dos moradores de Walachei fazem limite com a localidade de São Paulo. Era muito desconfortável para eles, terem de transpor o morro para acessar às plantações, nos confins de suas terras. Assim, de comum acordo decidiram construir uma estrada que circundasse o morro. Embora prolongando o caminho em uma hora, oferecia maior conforto no transporte de provisões e produtos agrícolas.

Em dias de tempo bom, havia um verdadeiro *Halloh*, quando à noitinha retornavam alegres de suas plantações. O gado, carregado de pasto, madeira, milho e outros produtos, vinha de arreios frouxos. Deixavam-no andar livre, pois conhecia o caminho para suas manjedouras com pasto, no estábulo. A juventude seguia aos grupos. Riam, contavam piadas e cantavam. O eco ribombava pelos morros circundantes. À passagem, velhos abriam portas e janelas para se deleitar com as canções de vozes alegres entoadas pelos jovens.

O Inspetor de Quarteirão

À luz da lâmpada, o Inspetor Wilhelm Kloos sentava à noite, a manejar diligente a agulha de seu ofício de alfaiate. Quando finalizou, cortou a linha com os dentes e disse à mulher:

– Bem, acabei o trabalho. Esta roupa pode ser entregue amanhã.

Uma ruga delineou-se-lhe no rosto, passou a mão na testa e prosseguiu:

⁸ Há quem afirma que o nome não se reporta aos indígenas, mas a Bucher, primeiro morador do local.

– Como estão inseguros os tempos! Por que meu destino me reserva sempre ter de participar ativamente nos episódios desagradáveis da vida? Ah! Ainda me sobe o sangue à cabeça quando recordo aquela noite em São Leopoldo, em que o *vermelho* Robinson matou nosso pobre Jorge Haubert com um tiro de espingarda. Recordo o pobre rapaz caído em uma poça de sangue, na sala de nossa casa. E agora estou novamente destinado a justificar ante as confusões criadas pelos bandidos. Será que nunca terei sossego?

– Ora, Wilhelm, – disse a mulher, – eu também desejo uma vida calma para ti. Até hoje não consigo esquecer o que teria acontecido se a espingarda do *vermelho* Robinson não tivesse falhado quando o perseguias para prendê-lo.

– Nesse caso não teria chegado a Inspetor de Quarteirão de Wallachei, – retrucou bem sério, – e tu terias de dar um jeito para criar teus cinco filhos pequenos. Mas, graças a Deus, estou vivo. Se naquela ocasião não me cuidei o suficiente, hoje não é mais a mesma coisa.

Seus olhos azuis brilhavam e ele passou a mão na barba farta e bem cuidada.

– Mas agora preciso dar uma controlada, a ver se minha gente está a postos e alerta na guarda.

A mulher percebeu que o Inspetor pretendia ir ao encontro dos vigias sem se identificar.

– Mas, Wilhelm, isto é perigoso. Bem que podem te abater qual espião dos bandidos!

– Deixa comigo, – respondeu Kloos, e com essas palavras apanhou o agasalho do cabide de prego e saiu.

Cuidadoso, seguiu pelo caminho irregular, até a vista se habituar à escuridão. Então aumentou o passo e breve chegou ao "arroyo pequeno". Com cautela, seguiu avante, passou pelo "arroyo grande", até a elevação. Engatinhando, arrastou-se para diante. Para marcar sua presença, atirou uma pequena pedra morro abaixo.

– Alto! Quem está aí? – chamaram do meio da escuridão.

Kloos permaneceu em total silêncio. E depois, com muito cuidado, se arrastou até a hera rasteira à beira da estrada.

– Quem está aí? – ouviu-se novamente. Mas tudo ficou em silêncio.

– Isto só pode ter sido algum animal – comentou um dos guardas.

– *Gewitterkeil!* Que diabos! Pedro, pode ter sido o que quiser. De qualquer maneira, mando umas boas pedradas caminho abaixo.

Uma verdadeira chuva de pedras seguiu-se a essas palavras. Ambos os rapazes de guarda jogavam pedras e pedrinhas, ininterruptamente, em direção à estrada e aos arbustos donde procedeu o barulho suspeito. Uma pedra grande passou perto da cabeça do Inspetor, que sentiu a situação incômoda.

Cessada a saraivada de pedras, os guardas desceram a estrada até o arroio. Cautelosos, espreitavam à direita e à esquerda e várias vezes ficaram parados, a escutar. Quando regressaram, Kloos pôde ouvir o seguinte diálogo:

– Acho, Pedro, que tu te enganaste.

– Em absoluto, Filipe, observei alguma coisa se arrastando. Mas penso que foi algum animal.

Kloos demorou mais algum tempo em seu esconderijo. Só então retirou-se com vagar e extremo cuidado e se deu por feliz quando logrou sair do raio perigoso. Pensou consigo:

"Alegro-me pela valentia de meus homens!"

A guarda noturna

A guarda tocou a meu pai e seu amigo Francisco Meinerz em uma noite escura que nem breu. Nuvens negras no céu anunciavam chuva e não dava para divisar as mãos na frente dos olhos.

– Escuto passos. Descem o morro, – disse Meinerz baixinho a meu pai.

Ambos engatilharam as armas.

– Quem está aí? – gritou meu pai. – Nenhuma resposta. Os passos pararam por um instante, para então recomeçar.

– Wilhelm, vou atirar, – cochichou Meinerz. Mirou.

– Ainda não, – respondeu meu pai. – Espera mais um pouquinho.

Deitou-se e com cobertura do amigo, arrastou-se cauteloso estrada acima, ao encontro dos passos que se aproximavam. Constatou tratar-se de um burrico que abandonara o estábulo e buscava pasto à beira da estrada. O animal era mansinho e deixou-se apanhar com facilidade, sendo devolvido ao dono.

Maragatos em Walachei?

Walachei sempre escapou das incursões de rapto dos bandidos que atravessavam a picada. Mas nem por isto a gente do lugar deixou de viver sob constante agitação e cuidados. Certa feita, um grupo dessa gentilha se reuniu no morro *Schlunk*. Os líderes do lugar conjecturaram sobre se os bandidos escolheriam o caminho de Walachei ou de Picada Café, em direção a Tannenwald. Foi quando detonou um tiro na parte baixa de Walachei.

Pensando que se tratasse de uma senha, os bandidos trataram de evitar aquela picada.

Devo incluir nas minhas memórias um episódio jocoso, do qual minha mãe foi a protagonista.

Era primavera. Todos os colonos estavam atarefados no trabalho de plantio. Os moradores de Nova Áustria de manhã cedo se dirigiram à roça com suas montarias e seus animais de tração. As donas de casa ficaram para trás, preparando o almoço reforçado que perto do meio dia levariam até a roça, e após a refeição elas próprias trabalhariam na plantação.

Meu pai também foi à roça, a cavalo, junto com os dois empregados pretos, Firmino e Deladio. Em compasso ritmado, as enxadas de corte afiado sulcavam a terra fecunda.

O nome de minha mãe, nascida Mombach,⁹ era Filipine, mas chamavam-na de *Binchen*. Estava ela a arrumar as crianças para deixá-las aos cuidados da avó, pois a hora do meio-dia se aproximava. Logo seguiria a cavalo, para levar o almoço reforçado à sua gente, que a essa altura já estava com fome.

Foi quando a avó chegou da casa do vizinho, ofegante, a clamar toda agitada:

— *Binchen*, precisas seguir a todo o galope, dar o alarme para a gente detrás do morro. Que venham imediatamente para casa, pois os maragatos já estão na picada. Escutas como berram e gritam no potreiro do Schmitz?

9 A família Mombach se originou toda de Mathias Mombach, veterano das guerras napoleônicas, imigrado em 1829 aos 49 anos, combatente da Guerra dos Farrapos e do Paraguai, que faleceu quase centenário. Os Büttendender, ao que consta se radicaram inicialmente em Picada 48.

De fato, do dito potreiro, não muito distante, vinha uma gritaria crescente e por vezes se percebia o galopar dos cavalos e a correria do gado vacum afugentado.

– *Um Himmels Willen!* Deus me acuda! – disse minha mãe, – preciso partir em seguida.

A avó levou as crianças consigo e a mãe tirou o cavalo do estábulo, jogou um pelego sobre o lombo, enfiou a rédea e montou.

Em circunstâncias normais, esse "comportamento de homem"¹⁰ seria tido como inconveniente, mas neste caso a avó soube dar o reconhecimento à disposição da nora.

Esta seguiu a galope, as pedras do caminho a saltarem para trás e para os lados como se uma caça selvagem estivesse em andamento. Alcançara a curva do morro, até o arroio. Por vezes a amazona teve de interromper sua louca cavalgada:

– Por amor de Deus! – gritou a senhora Bohmen, da porta da sua casa. – *Binchen*, o que aconteceu? Onde vais nesta corrida?

– Os bandidos estão no potreiro do Schmitz, devo andar depressa para avisar os homens lá detrás do morro.

– Jesus, Maria! – exclamou a mulher. – Socorrei a nós, pobre gente!

Várias vezes a aguerrida mulher teve de repetir o mesmo ritual. E toda a gente se encheu de susto e medo.

Mais adiante, deixou o cavalo dar tudo o que podia. Seus longos cabelos haviam se soltado e esvoaçavam ao vento qual véu vaporoso. Ofegante e desgrenhada, chegou à plantação.

É fácil imaginar o susto de meu pai, ao ver a mulher aparecer assim de repente e sem fôlego. Admirado, quis saber a razão de tanta pressa.

– Vocês têm que dar o alarme a toda a gente! Os bandidos estão em Walachei. Já estão apartando a presa no potreiro do Schmitz, gritando e berrando que nem o diabo. Vocês precisam voltar para casa imediatamente, – borbulhou alterada, – para que não roubem ou simplesmente destruam tudo.

Os dois empregados pretos, que entendiam o alemão e se faziam entender nessa língua, olhavam boquiabertos, admirados da agitação da "Madam". Esta ordenou com energia:

¹⁰ Mulher montava em *selim de dama*, confeccionado em couro ou veludo pelos artesãos seleiros, de tal maneira que ambas as pernas ficavam para um só lado do cavalo. Hoje é objeto que pode ser encontrado em museus.

– Que estão parados aí? Tratem já de avisar os vizinhos que estão nas plantações. Digam-lhes que retornem imediatamente para casa se não quiserem perder tudo que possuem.

Firmino e Deladio se deram conta da gravidade da situação e correram daí, a executar o recado.

O pai quis saber porque *Binchen* não selara o cavalo e minha mãe explicou:

– Sabes, não tive tempo de pensar se seria confortável ou desconfortável que eu viesse na corrida, montada que nem um adolescente. Mas, te apressa para retornarmos logo, pois estou preocupada com as crianças.

Nas roças vizinhas via-se o efeito da má notícia espalhada por Firmino e Deladio, que seguiam em sua missão. Em várias direções viam-se homens montarem os cavalos e tocarem a galope forçado em direção ao lar.

Filipe Dapper apeou do cavalo próximo à sua residência, escondeu o animal no mato e chegou em casa a pé. Os bandidos não lhe levariam o animal. Furioso, matutava como poderia retê-los, se ousassem visitar sua propriedade.

Mas todo o episódio teve um fim rápido e inofensivo, quando ficou claro que a barulheira no potreiro do Schmitz não fora causada pelos maragatos, mas pelo tropel de tropeiros que se agitavam por entre o gado, a laçar aquele que acabavam de comprar.

Após a interrupção em seu trabalho, os moradores não precisaram de melhor motivo para gozação, ainda que benigna, mas sempre gozação. Meu pai atirou para minha mãe:

– *Binchen*, apareceste que nem um anjo do mais recente Juízo, lá do outro lado do morro, para nos avisar. Ainda bem que tudo não passou de um blefe!

– Cala-te, – disse a mãe, – tu nem imaginas como me sinto. Mal posso caminhar e menos ainda sentar! E ainda por cima sirvo de chacota.

Mas de nada adiantou sua argumentação. Apesar de reconhecida e admirada por todos, a pronta e decidida reação de *Binchen* foi motivo de mofa para os moradores de Walachei.

O preto Malaquias

A despeito do falso alarme, na tarde daquele mesmo dia as coisas ficaram realmente sérias. Ouviram-se tiros, oriundos da Encosta da

Serra. Assustados, os moradores aguçavam o ouvido, perquiridores, as crianças temerosas buscavam a saia materna e os velhos juntavam as mãos em oração.

Meu pai pegou o facão e a espingarda de carregar pela culatra e se munuiu de algumas dúzias de balas. Sem dizer palavra, tomou a estrada, na direção dos tiros.

Firmino e Deladio o seguiram, mas meu pai os mandou de volta, com ordem de não abandonarem a casa e zelarem por ela.

– Se vocês vierem comigo, podem acabar confundidos com os bandidos e então receberiam mais balas pelo corpo do que poderiam suportar!

Ninguém ainda sabia ao certo o que estava acontecendo. O pai, brincando, comentou que talvez a guarda tivesse abusado da cachaça e o tiroteio acabaria por se assemelhar ao alarme falso da manhã.

Em breve, porém, ficou melhor informado sobre os acontecimentos, que estavam aquecidos no *Schlunk*. Os moradores acorriam de todos os lados, bem armados.

Em breve, cerca de 150 a 200 homens de ambos os lados, tiroteavam em campos opostos.

Quando perceberam que haviam gasto a munição, os bandidos procuraram ganhar distância, mas viram-se cercados por todos os lados.

Um dos colonos, exaltado, apontava para determinado ponto do mato e se pôs a gritar repetidas vezes:

– Ali foi que ele entrou, o Malaquias, aquele diabo preto!

Destemido, um dos colonos, Otto Sperb se adiantou na direção apontada e se enfiou mato a dentro. Breve logrou render Malaquias, obrigando-o, arma engatilhada, a deixar o esconderijo. O bandido aquiesceu mediante a promessa de Sperb, de que nada de grave lhe haveria de acontecer.

Mas assim que Otto e seu prisioneiro apontaram na orla do mato, João Werle, de Dois Irmãos, lhes foi ao encontro, apontou sua arma para Malaquias e ordenou:

– Entregue-se!

Malaquias, que se julgava seguro na companhia de Otto Sperb, respondeu:

– Não senhor!

Werle deu um tiro mas errou o alvo. Debochado, Malaquias acendeu um palheiro.

Agora sim, os tiros ecoaram de todos os lados, atirando cegamente na direção de Malaquias, e o primeiro a ser mortalmente atingido não foi o negro, mas Otto Sperb.

– Oh Deus! Fritz, eu morro! – clamou Sperb, e tombou sem vida. O tiro havia atingido o coração.

Também Malaquias em breve estava com várias balas no corpo e se rolava no chão, moribundo.

Vários dos presentes que estavam nas imediações resultaram feridos. Um do bando de Malaquias foi aprisionado, outro escapou ferido para o mato, onde morreu, sendo encontrado dias mais tarde. Sua arma, uma espingarda *Belém*, só anos mais tarde foi encontrada, junto ao tronco de uma árvore. O restante dos bandidos fugiu, espalhando-se em todas as direções.

A ação indisciplinada dos colonos encolerizou o Inspetor de Quarteirão Wilhelm Kloos. Ordenou que levassem o finado Otto Sperb para sua residência e providenciou os primeiros socorros para os feridos, antes de seguirem para suas casas. Finalmente ele e Jacó Braun cuidaram de Malaquias. Não foi muito honroso o transporte desse morto de avantajada estatura, mas Kloos evitou que fosse profanado.

Junto com Braun, arrastou Malaquias morro abaixo, cada qual puxando por uma das pernas, quando um colono, desembainhando a faca, ameaçou decapitá-lo *para que a cabeça não pipocasse sobre as pedras qual panela velha*.

Meu pai evitou que tal acontecesse, argumentando que seria um ato vergonhoso. Quem não logrou tornar Malaquias inofensivo em vida, que não se meta com o defunto!

Em meio caminho da colina, próximo à estrada, acharam lugar apropriado. O ladrão foi enterrado como estava, com botas e tudo. Nenhuma lágrima foi por ele derramada.

Semanas mais tarde, os cachorros arrastavam por aí uma parte do que fora uma perna de gente preta. O Inspetor Kloos, avisado, cuidou do caso e constatou que se tratava efetivamente da perna de Malaquias. O defunto fora desenterrado, faltando-lhe as botas.

Sabiam os asseclas de Malaquias que ele guardava nas botas o fruto dos roubos, de sorte que alguns retornaram ao local do sepultamento e profanaram o cadáver para se apossar do dinheiro.

O estrangeiro

Entrementes, a população respirou aliviada. Ao menos um dos bandidos, o degolador Malaquias, teve seu horrendo fim.

Como já afirmei, Walachei não sofreu demasiado com os bandidos. Muito pior foi em Jamertal e Santa Maria do Herval (Teewald), onde as vítimas se somaram e os estragos por incêndios e roubos eram muitos.

Como se afirmou à frente, o Governo forneceu soldados para reprimir a violência. Era, por certo, uma garantia para os moradores, ficar sob a proteção de soldados armados. Mas às vezes ocorriam episódios que colocavam em cheque esse sentimento de segurança. Passo a narrar um deles:

Certo dia, um grupo de soldados comandados por um sargento atravessou Walachei, conduzindo um alemão prisioneiro. Pés feridos e exausto, mal conseguia se manter em pé.

Cada vez que o grupo parava por qualquer motivo, curiosos ou penalizados se achegavam para saber qual o crime que o pobre havia praticado.

O sargento xingava então com vigor o estranho "alemão", que soltara a língua sobre o governo e as circunstâncias então existentes no país. Garantia que seu prisioneiro não veria mais o pôr do sol.

O Inspetor Kloos trabalhava no jardim quando o triste séquito atingiu a altura de sua casa. A expressão de desespero no rosto do preso mostrava que sua situação não era nada boa. Todavia, como empregado público civil, não tinha direito de se meter nos assuntos dos soldados, subordinados estes à autoridade militar. Ficou parado algum tempo, meditativo, e depois continuou o seu trabalho.

Entrementes, o grupo atingira o lugar, na Encosta da Serra, onde o caminho pende para um acentuado declive. A um sinal do sargento, o grupo parou. Seguiram-se algumas ordens. Dois soldados ergueram o prisioneiro semi-prostrado pela fraqueza, arrastaram-no até a beirada e o obrigaram a ajoelhar. Um gemido de aflição saiu do peito da vítima.

Um dos soldados engatilhou a arma e fez pontaria. Num segundo, o estampido. Mortalmente ferido, o prisioneiro despencou sobre o próprio corpo e tombou para a estupenda profundidade do abismo. Os soldados seguiram caminho, na direção de Tannenwald (Pinhal Alto, mun. de Nova Petrópolis).

A propriedade de Wilhelm Kloos ficava a alguns centos de metros do local do fuzilamento. Além do tiro que motivou o bárbaro drama,

pareceu a Kloos ter ouvido um grito de desespero. Um mau pressentimento invadiu sua alma e ele começou a se culpar por não ter feito uma tentativa de salvamento sob pretexto de não desejar invadir seara alheia.

Dirigiu-se à estrada e logo chegou ao local onde minutos antes fora abatida a vítima. Ramos quebrados da vegetação indicavam o rumo seguido por um corpo pesado, que acabara de tombar no desfiladeiro.

Kloos segurou-se firme no galho de uma árvore, à beira da estrada, e debruçou-se o quanto pôde sobre a borda do abismo, mas não divisou a vítima.

– Meu Deus, – pensou ele, – é praticamente impossível descer até as profundezas. Mas verei o que posso fazer. Minha consciência deve não existir, se aqui um pobre homem não perdeu a vida contra todos os direitos e leis.

Como veio, regressou rápido para casa e disse à mulher:

– Vai depressa até os vizinhos Nicolau Wendling e Antônio Passini e pede-lhes que venham logo à minha casa. Eu mesmo irei até o tocao Büttenbender para informá-lo que na curva da estrada provavelmente ocorreu uma morte cruel. Só unindo esforços, saberemos o que realmente aconteceu.

Pouco mais tarde, reunidos os quatro homens, Kloos instruiu os vizinhos sobre o presumível crime e todos, munidos de facão de corte, cordas e outros apetrechos, se mostraram prontos para descer o abismo e desvendar o ocorrido.

Estavam unânimes em ter como praticamente impossível localizar o morto em meio ao profundo vale e depois trazê-lo das profundezas até a superfície em meio a espinhos e vegetação cerrada. Mas no mínimo deveria receber sepultura no local onde tombara, para que seu cadáver não servisse de repasto aos urubus.

Com muito esforço lograram descer o abismo e finalmente acharam o defunto.

Por entre as rochas, acharam um local de alguma terra e húmus solto e, em meio a algum perigo, abriram uma cova regular para o repouso final do morto. Uma cruz singela marcou o túmulo e os quatro homens vocalizaram uma oração.

Um exame no morto, antes de enterrá-lo, permitiu ver que a bala lhe trespassara o peito. Teria ele seus 30 anos. A roupa de boa qualidade e a pele pouco queimada do sol indicavam proceder de classe social melhor aquinhoada. A julgar pelas mãos, jamais conduzira um arado ou manejara uma enxada.

Diligentes pesquisas de Wilhelm Kloos, quanto à procedência do fuzilado, evidenciaram tratar-se de um alemão há pouco imigrado para o país, que viera à procura de uma vaga de professor na Comunidade Evangélica de Picada 48.

Seus pais, gente abastada, entrementes também mandaram investigar sobre o paradeiro do filho, e assim aconteceu que certo dia Wilhelm Kloos recebeu encargo das autoridades, de exumar o morto e transferi-lo para algum cemitério de verdade, abençoado.

Não era uma tarefa agradável. Kloos procurou meu pai e pediu ajuda. Este prontamente aderiu e ofereceu-se para construir um sólido caixão. A exumação e traslado seria trabalho para os dois empregados pretos, em troca de 50 mil réis e uma garrafa de cachaça.

Quando tudo estava preparado, Kloos aguardou por novas ordens da autoridade, que nunca chegaram. E assim a desconhecida vítima continuou descansando na solitária sepultura na mata virgem, no desfiladeiro da curva da estrada, em Walachei, a aguardar a ressurreição no final dos tempos.

FONTES CONSULTADAS

ANAIS do Arquivo Histórico RS, V. 7, CV 3994 e V. 9, CV 5064.

BECKER, Klaus. *Alemães na Guerra do Paraguai*. Canoas, Hilgert, 1968

EICKHOFF, João. *O Doutor Maragato*. Porto Alegre, UFRGS, 1994

FIRMBACH, Theodor. *S. Clara: o combate federalista*. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1995

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Alemães na Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995

INFORMAÇÃO oral de Fredolino e Waléria Kreuz, Santa Maria do Herval.

MOEHLECKE, Germano Oscar. *Os imigrantes alemães e a Revolução Farroupilha*. São Leopoldo, Ed./autor, 1986

OLIVEIRA, Sebastião da Fonseca de. *Terras e Possesores*. In *Raízes de Gramado*. Gramado, Prefeitura Municipal, 1992

PUBLICAÇÕES do Arquivo Nacional. *Processo dos Farrapos*. V. 3. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1935